



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**USO DAS PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO NA COMUNIDADE KALUNGA,
RIBEIRAO DOS BOIS, TERESINA – GO**

AUTORA: Aneli Soares da Silva

ORIENTADORA: Regina Coelly Fernandes Saraiva

Planaltina - DF

Dezembro 2013



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**USO DAS PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO NA COMUNIDADE KALUNGA,
RIBEIRAO DOS BOIS, TERESINA – GO**

AUTORA: Aneli Soares da Silva

ORIENTADORA: Regina Coelly Fernandes Saraiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof. (a). Regina Coelly Fernandes Saraiva.

Planaltina - DF

Dezembro 2013

Dedico este trabalho primeiramente a meus pais e irmãs, por terem me incentivado nessa trajetória, e principalmente minha orientadora, pela paciência, dedicação e compreensão. A meus familiares, professores e colegas que sempre acreditaram na minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus porque se não fosse ele eu não teria chegado a lugar nenhum.

Aos meus queridos pais, que me ensinaram tudo o que sou hoje e que lutaram para que eu chegasse até aqui, sem poupar incentivos.

À minhas irmãs, pela energia positiva que sempre depositaram em mim.

À professora Regina Coelly, minha orientadora, pela paciência, pelo carinho e dedicação.

À banca examinadora do projeto de qualificação TCC.

Aos meus professores e coordenadores do curso, pela cooperação.

Aos professores da banca examinadora: professoras Monica Nogueira e e Elisângela Nunes, pela gentileza e disponibilidade de estarem presentes na minha banca.

A todos os colegas de turmas 2, 3, 4 e 5 da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB) pela oportunidade de aprender um com o outro nos momentos alegres e tristes. E principalmente as minhas colegas Keilla, Wanderleia e Nilça pela amizade e por terem me ajudado muito em minha trajetória.

Ao meu namorado pelo apoio sempre presente.

À escola Municipal Tia Adesuita e à Escola Estadual Joaquim de Souza Fagundes, por me ceder espaço para realização das atividades no período tempo escola e na realização do estágio.

A todos na comunidade Ribeirão dos Bois, por terem acreditado em mim, e me apoiado nas ações desenvolvidas no tempo comunidade. Agradeço especialmente a Dona Delfina, Dona Laurência, Sr. Alexandro pela disposição em revelar seus saberes e fazeres para compor este trabalho. Agradeço também Suzideth, Silvana, Adão e Suzivane pela colaboração.

Ao PIBID e ao PET, por nós ajudar financeiramente e estimular a docência.

Aos meus amigos que de alguma forma fizeram parte desta construção.

À equipe docente da LEdoC, por ter confiado na minha capacidade.

A todos os colaboradores da LEdoC que durante esses quatro anos contribuíram com minha formação.

LISTA DE ABREVIATURAS

AQK - Associação Quilombo Kalunga.

ASKADIA - Associação dos Pequenos Agricultores Kalunga do Assentamento Diadema.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento.

DF - Distrito Federal.

FUP - Faculdade UnB de Planaltina.

GO - Goiás.

LEdoC - Licenciatura em Educação do Campo.

PET - Programa de Educação Tutorial.

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência.

TC - Tempo Comunidade.

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

TE - Tempo Escola.

TU - Tempo Universidade.

UnB - Universidade de Brasília.

**USO DAS PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO NA COMUNIDADE
KALUNGA RIBEIRAO DOS BOIS TERESINA-GO.**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra.

Regina Coelly Fernandes Saraiva (Orientadora)

Profª. Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira (Examinadora)

Profª. Mestre Elisângela Nunes (Examinadora)

Planaltina - DF

Dezembro 2013

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA	15
CAPÍTULO 2 – COMUNIDADES TRADICIONAIS	20
2.1. Conhecimento Tradicional Associado Ao Cerrado	21
CAPÍTULO 3 - HISTÓRICO DA COMUNIDADE RIBEIRÃO DOS BOIS	25
3.1. Uso das Plantas Medicinais na Comunidade Ribeirão dos Bois	28
3.2. Receitas de Remédios Caseiros na Comunidade Ribeirão dos Bois.....	39
3.3. Esquecimento dos Usos das Plantas Medicinais do Cerrado pelos Jovens de Ribeirão dos Bois	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	42

[..] Esquecemos medicina
que deixou nosso senhor
e entramos na medicina
que o próprio homem inventou,
e hoje vivemos das drogas
que a medicina criou. [..]

[..] Por isso nesse momento,
estou querendo citar
as espécies do cerrado
Como forma de listar,
a medicina daqui
Independente de lá. [...]

[...] A flora na medicina
é valiosa demais.
vem tratando a humanidade
de muitos anos atrás,
já confortou muita gente
com alívio e curas reais. [...]
(Antônio Alencar Sampaio)

USO DAS ERVAS MEDICINAIS DO CERRADO NA COMUNIDADE KALUNGA RIBEIRAO DOS BOIS, TERESINA - GO

Aneli Soares da Silva

RESUMO

Este trabalho registra a importância do uso das plantas medicinais do Cerrado e o que está levando à perda desses saberes e fazeres na comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, Teresina – GO. Foi feita uma abordagem da variedade popular do uso das plantas mais usadas pela comunidade para o tratamento de enfermidades. Este trabalho foi realizado por meio de entrevistas, tendo como referencial teórico-metodológico a história oral. As entrevistas foram realizadas com moradores de duas gerações da comunidade. A pesquisa traz uma variedade de plantas medicinais utilizadas, principalmente pelas pessoas mais velhas de Ribeirão dos Bois e revela que esse conhecimento está se fragmentando entre os moradores, especialmente os mais jovens, pois a necessidade desses sujeitos do campo terem que deixar suas localidades permite que o conhecimento tradicional do uso das plantas não seja reproduzido entre as gerações mais novas.

Palavras-chave: Plantas medicinais, saberes e fazeres tradicionais, Ribeirão dos Bois, Cerrado.

INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais vivem em profundo contato com a natureza, trazendo uma cultura ancestral de união, respeito e identidade. A natureza está presente em todo o processo cultural dessas comunidades e não à parte delas.

Este trabalho surgiu do desejo de não deixar apagar o que existe de mais sábio e valioso na comunidade Ribeirão dos Bois, que são os saberes e fazeres associados ao uso de plantas medicinais do Cerrado, utilizadas para a cura de algumas enfermidades. O objetivo foi identificar e registrar o uso das plantas medicinais do Cerrado na comunidade Ribeirão dos Bois.

Nessa comunidade há pessoas que compartilham o conhecimento sobre o uso das plantas do Cerrado. Verificou-se desse modo a necessidade de fazer esse registro, reconhecendo a importância desse saber popular.

O Brasil detém a maior diversidade biológica do mundo. O Cerrado brasileiro é atualmente uma rica savana, que reúne uma grande variedade de fauna e flora, numa extensão de dois milhões de km quadrados. Parte dessa riqueza do Cerrado ainda pode ser encontrada em comunidades, como a do Ribeirão dos Bois, localizada no município de Teresina de Goiás, na Chapada dos Veadeiros.

Há algumas espécies de plantas medicinais que representam a riqueza da biodiversidade local, dentre elas destacamos: angico, araquá, arroerinha, assa peixe, barbatimão, cabeça de frade, caraíba, carrapicho, chapada chapéu de couro, congonha, copaíba, dipirona, emburana, fedegoso, gervão, grapeá, jatobá, lobeira, matruz, mentrasto, negra mina, pacari, pau terra, pé de perdiz, pequi, quebra pedra, quina, sambaíba, sangra d água, sucupira, tançagem, velame branco e vergateza.

A comunidade de Ribeirão dos Bois faz parte da bacia hidrográfica do Rio Tocantins, e tem a presença do Rio Paranã. O clima nesse território está inserido em uma zona de transição entre os domínios dos climas semiáridos; as chuvas se concentram no período de novembro a março. A vegetação predominante é o Cerrado, intercalado de matas residuais com ocorrência de Cerradão, com exuberante fauna e flora (ALMEIDA, 2012).

Hoje a comunidade é constituída aproximadamente por cento e vinte famílias. Os membros são unidos por laços de parentesco, e formam verdadeiros núcleos familiares que dividem o mesmo território entre pais, irmãos, tios e avós.

Essa comunidade de negros foi originalmente formada por descendentes de escravos, que fugiram das minas da região e do cativeiro e se esconderam no local devido difícil acesso, se organizando em um quilombo, que ficou reconhecido como Kalunga.

No começo, os quilombolas para continuarem com sua liberdade tiveram que aprender a sobreviver na Chapada, e por isso precisaram de conhecimento sobre a natureza, identificando espécies de árvores, barros para fazer panelas e suas residências, observando as épocas de chuvas e seca para o plantio de mandioca, feijão, arroz, milho e outros alimentos para subsistência (MOURA, 2007).

O povo Kalunga do Ribeirão dos Bois dependia do conhecimento da natureza para sua sobrevivência, então passou a conhecer naqueles lugares de Cerrado, a utilidade das plantas, que servissem também como remédio na cura de enfermidades. O número de plantas medicinais que eles conhecem e sabem utilizar é extraordinário.

Partes desse conhecimento das plantas aprenderam com os índios, que assim com os escravos fugiram de cativeiros para não serem escravizados. Na ocupação daquele território, escravos fugidos e índios tiveram contato permitindo as trocas culturais. Eles aprenderam a preservar e respeitar a natureza, para que esses recursos pudessem ser utilizados por seus filhos, netos e bisnetos.

A medicina do Cerrado é bastante rica e poderosa, observa Sampaio (2012). Quase toda espécie tem uma ação milagrosa, curando muitas doenças por ser medicamentosa. Na comunidade Ribeirão dos Bois ainda é possível reconhecer usos e práticas com as plantas do Cerrado. Contudo, observa-se uma perda desses saberes e fazeres. Isso está ocorrendo devido ao grande fluxo de saída dos jovens de Ribeirão dos Bois, por causa da dificuldade e de condições para sobreviver no local, devido à falta de saúde e educação. Alguns jovens vão embora para as cidades e capitais em busca de melhorias de vida, e os que permanecem na comunidade não dão continuidade na tradição. Alguns idosos, que já sentem cansados, não conseguem mais plantar, trabalhar no roçado, mas ainda fazem uso plantas medicinais quando têm alguma necessidade.

Esse contexto gerou os seguintes questionamentos: Quais são as plantas mais utilizadas pela comunidade Ribeirão dos Bois? Como são manejadas essas plantas? Qual a

importância desses saberes e fazeres para comunidade Ribeirão dos Bois? O que fazer diante da perda desses saberes das ervas medicinais na comunidade Ribeirão dos Bois?

Esta pesquisa tem o intuito de somar e contribuir com a construção de um olhar reflexivo diante da realidade daquela comunidade, que veio de uma grande luta histórica que nos emociona.

JATOBÁ

Smilax brasiliensis Spreng, Smilacaceae.

O JATOBÁ do Cerrado
Quando de molho é usado,
Serve para dor no estômago,
Bem como pra sinusite,
Como resina
O pó de sua resina,
É colocado em fratura,
Com óleo de mamona,
Deixa com amarradura.
O seu pó fica ligado,
E só larga quando cura

Pra cistite e prostatite,
Cólicas, gases, fraquezas,
a sua casca de molho,
tem também essa presteza,
o fruto é bom alimento
e seu vinho uma fineza.
Jatobá limpa catarro
Em toda via urinária
Diarreia e hematúria,
Com quina, é bom pra malária,
Para catarro no peito,
Tem uma missão centenária.

(Cordel de Plantas Medicinais do Cerrado)

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA

Uma característica fundamental da metodologia qualitativa é sua singularidade e a não compatibilidade com generalizações.

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação (CRESWELL, 2007, p.184 *apud* JESUS, 2013, p. 15)

Segundo Marconi e Lakatos (2005) a pesquisa qualitativa, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

De acordo com Santos (*apud* JESUS 2013), a pesquisa qualitativa é humanista, indutiva; focaliza as pessoas, cenários e grupos, de modo holístico, além de buscar compreender as pessoas levando em conta o quadro de referências delas próprias.

A história oral é parte dos procedimentos de pesquisa qualitativa. Segundo Delgado (2006), a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registros, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretação sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos e de registros. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas relativas ao tema investigado. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

A história oral inscreve entre diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas de conhecimento histórico, antropológico e sociológico. Situa no terreno da contrageneralização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas. (DELGADO, 2006, p 18).

A forma e o método são os fatores que diferenciam o conhecimento científico do senso comum. Com isso, um mesmo objeto pode ser matéria de observação tanto para um pesquisador quanto para outros (MARCONI e LAKATOS, 2005).

Os **primeiros passos** da pesquisa tiveram início em 2010, no Tempo Universidade (TU); os educandos do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) foram estimulados a fazer uma pesquisa em suas comunidades. A partir das informações coletadas percebemos a necessidade de registrar os saberes e fazeres do uso das plantas medicinais do Cerrado, utilizados na comunidade Ribeirão dos Bois. Naquele momento algumas pessoas entrevistadas demonstraram preocupação com a perda desse conhecimento.

O **segundo momento** da pesquisa (agora como parte do projeto de pesquisa de final de curso), foram entrevistas realizadas com algumas pessoas da comunidade de Ribeirão dos Bois, previamente selecionadas. As entrevistas foram realizadas de modo sistemático em 2013, com sete pessoas que residem em Ribeirão dos Bois a vida toda.

Para as entrevistas foi utilizado um roteiro de perguntas, mas o entrevistador utilizou-se do diálogo para deixar as pessoas mais a vontade. O roteiro não foi seguido passo a passo, pois conforme a conversa ia fluindo as questões foram sendo respondidas. As perguntas que balizaram as entrevistas foram:

- O que você acha das plantas medicinais do cerrado?
- Qual a importância dessas plantas para comunidade Ribeirão dos Bois?
- Quais foram às mudanças ocorridas no uso das plantas medicinais com passar do tempo? Faça uma comparação do passado ao presente da comunidade.

Os primeiros entrevistados foram pessoas com idade entre 69 a 84 anos e de 24 a 38 anos de idade. Esse segundo grupo, também de moradores da comunidade, foram escolhidos por fazerem parte das novas gerações de Ribeirão dos Bois, permitindo sistematizar suas experiências com o uso das plantas medicinais do Cerrado.

Para dar mais reforço à coleta de informações e obtenção dos dados foi utilizado no momento das entrevistas o livro *Cordel de plantas medicinais do Cerrado*, escrito por Evandra Rocha e Antônio Alencar. Esse material também usado para representar as plantas

populares, mais conhecidas pela comunidade serviu para identificar as partes utilizadas das plantas, indicação, forma de uso e dosagem correta indicada pelos próprios entrevistados.

Ao terminar as entrevistas, todo o material coletado, foi transcrito para permitir melhor análise dos dados. As entrevistas foram registradas por escrito e transcritas, considerando os modos de falar da comunidade. No entanto, as narrativas e os relatos dos entrevistados selecionados para compor o texto deste trabalho, foram trazidas dentro da norma culta da língua, sem alterar conteúdos e ideias dos entrevistados.

BARBATIMÃO

Stryphnodendron adstringens (Mart.)

Coville, Fabaceae (Leguminosae)

Chá da raiz de briónia
É contra paralisia,
Para sífilis reumatismo,
Dor na junta quente e fria,
É encontrada em Cerrado,
E matas de galeria.

Para úlcera e diarreia,
Ou qualquer infecção
Não precisa fazer chá,
Da casca a decocção,
Usar três vezes ao dia,
Do nosso BARBATIMÃO.

Bate – caixa ou douradinha,
Vive no campo e Cerrado,
Sua folha é diurética,
E também é empregado,
Em problemas pulmonares,
Pra catarro ser curado.

Compressa e banho das folhas,
Pode da pele tratar,
Misturada com arnica,
O chá, pode eliminar,
Enxaqueca e hemorroidas
E o ácido úrico baixar.

(Cordel de Plantas Medicinais do Cerrado)

CAPÍTULO 2

COMUNIDADES TRADICIONAIS

Por mais de dois séculos, o povo Kalunga de Ribeirão dos Bois foi construindo sua identidade. É através da identidade que se criam e recriam os ritos, as danças, os contos, e a sobrevivência da própria comunidade. A identidade está presente em tudo aquilo que faz parte do patrimônio cultural, de uma comunidade em seus costumes e tradições.

As comunidades tradicionais vivem em profundo contato com a natureza, trazendo uma cultura ancestral de união e respeito com a mesma. A natureza está presente em todo o processo cultural, trazendo em si aspecto da identidade religiosa, cultural, econômica, e social de um povo.

Segundo Diegues (2001), não existe uma definição precisa para comunidades tradicionais. O Brasil apresenta grandes variedades de modos de vida e culturas diferenciadas que podem ser consideradas “tradicionais”. De modo geral, as populações tradicionais podem ser divididas entre populações não indígenas e indígenas. Entre as populações não indígenas estão quilombolas, extrativistas, pescadores, camponeses, agricultores familiares, entre outros. Esses grupos são frutos da intensa miscigenação entre o branco colonizador, a população indígena nativa e o escravo negro. Historicamente, são populações de pequenos produtores que se constituíram ainda no período colonial, entre a monocultura e outros ciclos econômicos.

A tradicionalidade remete ao modo de viver diferenciado, onde as pessoas se identificam entre si e compartilham seus costumes; o cuidado com a saúde; crenças, memória coletiva vinculada ao território onde vivem, como podemos observar em Ribeirão dos Bois.

O termo comunidades tradicionais inicialmente foi utilizado por ambientalistas que viam nesses povos, parceiros para realização de atividades de conservação ambiental, visto que a comunidades se percebem intimamente conectadas com a natureza e vinculados a um território específico, se identificando com um determinado ecossistema no qual vivem diferentemente da maioria da sociedade nacional (DOURADO, 2005).

O conceito foi sendo destrinchado para que não somente a sociedade como todo pudesse compreender seu significado, mas principalmente, para que as

próprias comunidades se reconhecessem como tal. A palavra comunidade foi selecionada em detrimento de outras, por abranger a maioria dos grupos reconhecidos até então, fazendo com que tanto raizeiros, caiçaras, pescadores e os demais se reconhecessem como comunidades (DOURADO, 2005, p.10).

Segundo Saraiva (2012), as comunidades tradicionais da Chapada dos Veadeiros reconhecem que as condições de ser tradicional é uma estratégia política de afirmação de suas identidades, e serve também como mecanismo que pode ajudar a solucionar questões principalmente relacionadas à terra. Esse aspecto é facilmente identificado entre os quilombolas do território Kalunga, que na Chapada ainda não têm sua situação de posse da terra regularizada; ser negro e poder acessar direitos antes inexistentes também foram fortalecendo a condição de ser quilombola.

Ser tradicional também é visto por essas comunidades como uma condição que tornou possível a valorização de seus saberes historicamente excluídos e desqualificados (uso medicinal de plantas, parto caseiro, artesanato, etc). A mudança de percepção em relação a esses saberes fortaleceu identidades; ser tradicional também é uma estratégia utilizada por muitos grupos para fortalecer modos de vida e transmitir valores que desejam sejam preservados. (SARAIVA, 2012).

Ser tradicional pode ser visto como uma condição que tornou possível a valorização de saberes historicamente excluídos e desqualificados, envolvendo o uso medicinal de plantas, fortalecendo a identidade e cultura. Essas comunidades tradicionais a partir de seus conhecimentos trouxeram observações atentas da natureza e experimentação dos seus recursos naturais (SARAIVA, 2012).

2.1. Conhecimento tradicional associado ao Cerrado

O Cerrado brasileiro é uma formação vegetal conhecida internacionalmente como savana. Este tipo de savana, o nosso Cerrado, ocupa cerca de dois milhões de quilômetros e se estende por vários estados brasileiros entre eles o de Goiás.

É no Cerrado que nascem os rios que formam as principais bacias hidrográficas, ele também abriga uma grande quantidade de plantas medicinais, que mantém o equilíbrio ecológico e ainda constituem grandes potencialidades para os medicamentos em curas de enfermidades.

O conhecimento tradicional contribui não só para uma adaptação ecológica de povos indígenas e comunidades locais ao Cerrado, mas também para a coevolução de gentes e

natureza. Afinal, muitos desses grupos aprenderam a fazer uso de plantas animais do Cerrado, atentos às necessidades de reprodução dessas espécies - ou seja, sabendo o tempo, o jeito e a porção certa a colher, pescar, descascar, de modo que não ameça as intrincadas relações entre os elementos da natureza que dão sustentação à vida.

Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade do Cerrado foram gerados pela observação atenta da natureza e a experimentação criativa de mulheres e homens, ao longo das gerações. Gente que se dedicou a aprender sobre natureza a sua volta para melhor viver; identificaram plantas e lhes deram nomes; conheceram os ambientes de morada dessas plantas; o solo de que gostam, a água de precisam, quais suas plantas vizinhas e amigas (afinal, há aquela que oferece sombra, enquanto outra areja a terra), observaram e aprenderam sobre os ciclos de cada uma dessas plantas, como nascem e crescem .

A transmissão dos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade se dá entre culturas e gerações e, na maioria das vezes de forma oral e pelo convívio. Isso porque o conhecimento tradicional implica em saberes e fazeres. Todos esses conhecimentos são coletivos, muitas vezes resultaram de trocas de culturas entre povos e comunidades, num processo histórico de aprendizagem sobre a natureza do cerrado seus ciclos, recursos e usos (DIEGUES, 2001).

Em grande parte das comunidades tradicionais, esse aprendizado se baseia no convívio entre gerações. Os mais velhos realizam o trabalho envolvendo os mais jovens que, pela observação e sob orientação, realizam tarefas e aprendizado.

A crescente atenção dada aos conhecimentos tradicionais associados a biodiversidade deve-se de um lado, ao potencial econômico do uso alimentício, cosmético e medicinal de muitas espécies nativas e, de outro, ao reconhecimento do papel desempenhado por povos indígenas e comunidade locais na conservação da biodiversidade (NOGUEIRA *apud* SARAIVA *et al.* 2012).

A comunidade quilombola Kalunga está no centro do território brasileiro, em umas das regiões de maior preservação de Cerrado. Os costumes de seus moradores têm relação com as tradições baseadas no modo de vida oferecida pela presença desse bioma, como exemplos: as plantas e raízes medicinais.

Na comunidade Ribeirão dos Bois, percebemos que há uma união e resistência no grupo, preservado ao longo das gerações graças ao acúmulo de lembranças, histórias e simpatias, que formam a memória do grupo que construíram sua identidade. Grande parte do conhecimento das plantas medicinais que a comunidade detém foi herdada dos índios, pais e

avós. Esses conhecimentos orientavam-os em suas estratégias de sobrevivência e se baseia na vida de todos.

A troca de saberes e fazeres ainda estão muito presente na vida das pessoas na comunidade Ribeirão dos Bois, a valorização da cultura, levando ao entendimento das relações entre cultura e economia. Assim a comunidade Ribeirão dos Bois possui importante base cultural representada pelos seus saberes tradicionais, uma natureza rica e diversificada.

A utilização das plantas medicinais do Cerrado funciona como medicamentos para a cura de doenças, calmante e banhos em algumas enfermidades, e, além disso, também podem ser importantes como alternativas de renda para a comunidade, porque seus frutos, cascas, raízes, sementes e madeiras são muito utilizados na alimentação, na medicina popular.

O povo do Ribeirão dos Bois desenvolveu modos de vida que apresentou forte vínculo com o Cerrado. Essa é uma das características que marcam suas experiências de vida.

PEQUI

Caryocar brasiliense Camb., Caryocaraceae

O PEQUI do pequizeiro,
Já é muito utilizado,
Desde o fruto da castanha,
Em conserva e cozinhando,
Também transformado em óleo,
Um remédio comprovado.

Tem o caroço uma carne,
Alimento de primeira.
O óleo é um energético,
Remédio de cabeceira
Pra tuberculose a gripe,
Faz uma cura certa.

É também um analgésico,
Em pancada e contusão,
Para as dores de garganta,
E dor na articulação.
É também afrodisíaco,
Bom pros olhos e pulmão.

CAPÍTULO 3

HISTÓRICO DE RIBEIRÃO DOS BOIS

A história do povo de Ribeirão dos Bois começa há mais de duzentos anos. Foi quando o território que hoje pertence ao estado de Goiás começou a ser conquistado pelos colonizadores portugueses, no final do século XVII.

Desde que chegaram ao Brasil, em 1500, os colonizadores tinham esperança de enriquecer com o comércio de produtos da terra que pudessem interessar aos compradores europeus. Aqui existia o pau Brasil, que eles logo começaram a explorar. Mas o que havia de mais valioso eram mesmo as terras férteis do Brasil, vegetação exuberante e bastante vasta. Aproveitando a abundância da terra, deram início ao plantio de cana, para produzir o açúcar que podia ser vendido muito caro na Europa. Para plantar cana e produzir açúcar, era preciso muita gente para trabalhar, então os negros foram escravizados pelos portugueses (MOURA, 2007).

Fugindo da escravidão, os índios foram se afastando do litoral refugiando-se cada vez mais longe no interior do território brasileiro. E logo os portugueses começaram a se organizar para capturá-los.

Os primeiros tempos das plantações de cana de açúcar foram realizados com o trabalho dos índios escravizados, que bandeirantes compravam e traziam para o trabalho nos engenhos. Os bandeirantes eram grande fornecedor de mão de obra escrava para as plantações.

A substituição da mão-de-obra indígena foi estimulada por decisões do rei de Portugal que passou a favorecer os ricos comerciantes portugueses que eram os donos dos navios que faziam as viagens transatlânticas e que controlavam o comércio de escravos da África para Europa. Ele concedeu monopólios aos traficantes portugueses e incentivou os plantadores de cana a comprar mais escravos africanos do que indígenas, dispensando os senhores de engenho de pagar parte dos impostos pela exportação desses escravos (MOURA, 2007).

Diante dessa nova realidade já não era mais vantagens explorar os indígenas da terra quando se podia ir buscar os negros da África. E é aqui que começa a história dos antepassados do povo Kalunga da comunidade Ribeirão dos Bois.

No final do século XVII e começo do século XVIII, os bandeirantes finalmente conseguiram realizar o sonho de encontrar muito ouro nas terras do interior do Brasil. O ouro existia em grande quantidade e as terras onde foi descoberto passaram a ser chamadas de Minas Gerais. A febre do ouro tomou conta também do estado de Goiás (MOURA, 2007). Como havia muita riqueza, era preciso continuar explorando com mão-de-obra escrava como no tempo da cana de açúcar, mas agora com os negros trazidos da África.

Os negros eram capturados na África, onde muitos morriam, não resistindo à captura. Os sobreviventes eram embarcados nos navios negreiros, com destino ao Brasil. O sofrimento dos escravos começava já na África, e continuou aqui no Brasil por muito tempo. Por isso eram comuns revoltas de escravos. Muito escravos, para não serem mais escravizados, fugiram do trabalho escravo e se esconderam em lugares de difícil acesso por toda parte no Planalto Central brasileiro, e um desses lugares foi na Chapada dos Veadeiros, formando quilombos (MOURA, 2007).

O senhor de escravos contratava homens chamados capitão do mato para capturar os negros fugidos, os que eram pegos de volta sofriam ainda maiores castigos. Alguns conseguiram fugir indo cada vez mais longe, para lugares de difícil acesso. Então a partir daí eles foram criando comunidades, essas comunidades eram chamadas quilombo, e os que ali viviam eram conhecidos como quilombolas.

Com a decadência do ouro na região, muitos escravos continuaram fugiram de seus colonizadores e se escondendo em áreas de difícil acesso na Chapada dos Veadeiros. Esses quilombos formam hoje as comunidades Kalunga, localizadas nos três municípios de Goiás: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante.

Nessa região do Planalto goiano ainda haviam indígenas, mas com a chegada dos bandeirantes fugiram para não serem escravizados pelo colonizador. Muitos desses povos indígenas se refugiaram na Chapada, no mesmo território onde agora os negros fugidos do garimpo do ouro também procuravam escapar do homem branco. Nesses lugares, os negros fugidos tiveram contato com índios que os ajudaram a suprir suas carências e necessidades de sobrevivência.

No início os índios não tinham confiança de se aproximar dos negros, mas com passar do tempo essa relação foi sendo modificada e eles começaram a se entender, permitindo

inclusive trocas culturais. No começo, os moradores dos quilombos para continuarem com sua liberdade tiveram que aprender a sobreviver na Chapada, e por isso precisavam conhecer sobre a natureza, identificando espécies de árvores; tipos de barros para fazer as panelas e as suas residências (MOURA, 2007).

Com passar dos anos nas comunidades foram criando nomes. Uma delas recebeu o nome de Ribeirão dos Bois, devido a um rio que passa na região, o “Ribeirão” e o termo “Bois” é porque muitos fazendeiros tinham fazendas por perto e criavam muitos bois, que bebiam água naquele rio.

O termo Kalunga, segundo Baiochi (2001), tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado e ainda uma planta que nunca seca, a *Simaba Ferrugínea*, que representa o poder e a ancestralidade, valorizando a memória dos antepassados africanos, que primeiro se enraizaram naquelas terras, transformando o espaço geográfico, fortalecendo sua identidade.

Em 1991, toda a área ocupada pelos Kalunga foi reconhecida oficialmente pelo governo do estado de Goiás como sítio histórico Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro (MOURA 2007). Tal fato tem como marco legal a Constituição Federal de 1988 no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que dá ao remanescente de comunidades quilombolas o reconhecimento de propriedade definitiva dando-lhes o respectivos títulos.

Ribeirão dos Bois é hoje considerada uma comunidade quilombola, reconhecida como Kalunga. A comunidade kalunga de Ribeirão dos Bois situa-se no município de Teresina, ao norte de Goiás, a uma distância de 583 km de Goiânia. Hoje a comunidade é constituída aproximadamente por cento e vinte famílias; seus integrantes orgulham-se de sua condição de quilombolas e se dizem Kalungueiros. As pessoas de Ribeirão dos Bois vivem em comunidade, formada por núcleos familiares constituídos por pais avós e irmãos.

Ribeirão dos Bois está organizado em associações como a Associação dos Pequenos Agricultores Kalunga do Assentamento Diadema (ASKADIA) e a Associação Quilombo Kalunga (AQK) que envolve os três municípios: Teresina de Goiás, Monte Alegre e Cavalcante.

A geração de renda da comunidade baseia-se na aposentadoria rural e em alguns programas sociais do governo, em especial a Bolsa Família e cestas básicas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Apenas de forma muito pontual a comunidade consegue extrair algumas renda da comercialização da farinha da mandioca, abóbora, banana,

milho e outros. Possuem animais de criação como: galinhas, porcos, vacas, bois e cavalos para trabalho e consumo próprio.

Em Ribeirão dos Bois a vida ainda é formada por tradições presentes em suas festividades danças como a “sussa”, e o forró. No momento das festas eles recriam vínculos afetivos entre comunidade.

Devido à mudanças no modo de vida das pessoas da comunidade Ribeirão dos Bois, a relação de homem e natureza estão sendo modificadas; as pessoas estão passando a fazer mais uso dos remédios produzidos nas farmácias, permitindo desse modo, a fragmentação do conhecimento tradicional compartilhado pela comunidade.

3.1. Uso das plantas medicinais na comunidade Ribeirão dos Bois

Cada cultura tem uma maneira própria de representar, interpretar e agir sobre o meio natural (DIEGUES, *apud* SARAIVA, 2011). Essa forma de representar define o próprio grupo e sua relação com a natureza. As populações tradicionais tecem suas teias de significados, suas experiências e histórias de vida a partir da relação de simbiose que estabelecem com o mundo natural. E nesse contexto que produzem seus saberes e fazeres e constroem o seu campo identitário.

Segundo Saraiva (2006), a cultura é uma forma de interpretar o mundo. Cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação. Desse processo emergem diversidades, multiplicidades de expressões como resultado da experiência de homens e mulheres com seu meio, com seu grupo, com o mundo. Assim, a cultura assume as características de ser multifacetada, plural, polifônica.

As experiências de moradores da comunidade Ribeirão dos Bois revelam que a natureza se transforma em cultura. Os depoimentos de cada um dos entrevistados narram de modo prático como a biodiversidade do Cerrado também tem sua dimensão cultural. Demonstraram que o Cerrado é parte de suas vidas e que tem suas expressões no cotidiano, na utilização medicinal das plantas ou no aproveitamento das plantas úteis.

A divulgação desse conhecimento é um desejo muitas vezes mostrado nos depoimentos pelos os entrevistados, eles estão sempre preocupados com a desvalorização dos saberes e fazeres associadas às plantas, e sempre estão à disposição para ensinar, aos jovens e a outras pessoas, os nomes, características e usos das plantas; como colher preparar remédios; formar novos raizeiros e gerar herdeiros da tradição.

Hoje, há um forte temor de que os conhecimentos tradicionais sejam esquecidos. Mudanças recentes de costume vêm sendo muitas vezes acompanhadas de desvalorização das práticas tradicionais e saídas dos jovens do campo. Há também um crescente processo de degradação do Cerrado muitos estão preocupados com isso. Embora se saiba que transmissão do conhecimento tradicional depende do convívio entre geração e da observação ativa das práticas dos conhecedores; porque foi ouvindo e vendo fazer que todo conhecedor aprendeu. (SARAIVA, 2011, pg. 36).

Registrar o conhecimento dos entrevistados sobre plantas medicinais do cerrado é uma função muito significativa, esses conhecimento têm a função de chamar a atenção da sociedade para esse patrimônio cultural e a necessidade de protegê-la, garantindo as condições para continuidade desses saberes e fazeres.

Na comunidade Ribeirão dos Bois foi possível aprender um pouco dos seus costumes; seus membros são portadores de saberes que revelam profundo conhecimento sobre as plantas. Elas associam as mudanças de estações, tipo de solo e utilizam seus espaços em interação com a natureza e Cerrado.

As plantas medicinais do Cerrado na comunidade Ribeirão dos Bois são de grande importância nas vidas das pessoas; elas possuem diversas utilidades e nas mãos dos entrevistados, essas plantas se transformam em remédios caseiros, ornamentação, alimentação e outros, por isso podem ser reconhecidos como guardiões da natureza.

A relação entre natureza e cultura está presente nos fazeres e saberes de Dona Delfina. Em suas mãos a natureza do Cerrado se transforma e recebe muitos significados, que vão desde nomes que se refere ao cerrado até os usos que faz das plantas. Dona Delfina Farias dos Santos, nasceu na comunidade Ribeirão dos Bois tem 69 anos de idade, nunca estudou em toda sua vida, porque no seu tempo de criança não havia escolas, tem 11 filhos, é lavradora, trabalhou a vida toda na roça para garantir sua subsistência.

Ela afirma que o conhecimento das plantas medicinais do Cerrado na comunidade foi adquirido através pais, avós, bisavós, enfim, dos seus ancestrais, que conheciam cada planta ao seu redor, bem como seu valor curativo e como alimento, ou ainda se eram venenosas.

Dona Delfina e outras pessoas da comunidade Ribeirão dos Bois sabem como plantar, colher, preparar e aplicar. Conhecem as plantas do Cerrado empiricamente, tudo o que era necessário fazer para a utilização dessas plantas.

Ela lembra que a maioria das plantas cultivava na sua horta, como todas as plantas que eram habitualmente usadas, fornecendo ainda aos vizinhos e ninguém sentia o menor temor

em utilizá-las. Além do mais, médico era “*objeto de luxo*” naqueles tempos. “*As farmácias também aqui no nosso município tem apenas uma em Teresina, são mal equipadas, além de que as pessoas não têm recursos para comprar tão caros medicamentos, mesmo quando há médicos para receitá-los*”.

O Cerrado é representado por Dona Delfina por muitos nomes: mato, brejo ou até mesmo Cerrado. Os vários nomes servem também para diferenciar os lugares onde as espécies de cerrado são encontradas. Por isso é frequente a variação de expressões utilizadas por Dona Delfina, essas distinções revelam o olhar apurado e preciso sobre a natureza e o conhecimento profundo sobre o local onde se vive. A especialização dos usos que faz também manifesta domínio do saber sobre toda a planta, especialmente no uso medicinal: raiz, folhas, cascas, frutos, sementes, resinas, vinho.

As plantas do cerrado para fins medicinais nas mãos de Dona Delfina combate vários tipos de enfermidades como: infecção, gastrite nervosa, inflamações, resfriados, cuidados no pós e pré-parto, diabetes e dentre outros. Segundo ela, os remédios podem ser usados como depurativos para sangue, cicatrizantes, expectorantes e antiinflamatórios.

O conhecimento de Dona Delfina representa uma importante expressão da cultura popular ainda remanescente que revela parte daquilo o que é o Cerrado, e umas das grandes conhecedoras das plantas nativas do mato, ela aprendeu a desvendar o Cerrado e sua biodiversidade, relevando os saberes e fazeres; em suas mãos o Cerrado serve para tudo, como ela mesma relata.

Tem barbatimão que é um cicatrizante e podemos fazer as garrafadas; carrapicho faz o sumo e chá para inflamação e diarreia; mangaba faz o chá e o leite dela é bom para cura de câncer; jatobá faz soverte, vinho e chá e é bom para o estômago. Juntando as plantas como: pacari, cassação, mama de porca, simbaíba, ipê roxo, unha lagartixa, barbatimão, cargo santo, nós moscada, água de Ubauba, angico, jatobá, velame branco, quebra pedra, babosa, negra mina, fedegoso, sangra d'água, perdiz e outras podemos fazer uma garrafada que combate e melhora várias doenças.

Abaixo, segue lista de plantas mais utilizadas nos preparos de remédios.

TABELA 1: Algumas plantas medicinais do Cerrado utilizada em Ribeirão dos Bois e suas utilidades.

Nome Popular	Parte Utilizada	Indicação de Uso	Modo de Usar
Araçá	Casca, frutos	Infecção, cicatrizante	Licor, Chás
Barbatimão	Casca, folhas	Úlceras, Catarros, hemorragias, corrimento vaginal.	Garrafadas e banhos.
Carrapicho	Folhas, raiz	Infecção urinaria, e empanzinamento, diarreia.	Chás
Copaíba	Óleo	Bronquite, infecção.	Óleo
Fedegoso	Folhas, Raiz	Febre, resfriado.	Chás.
Grapiá	Raiz	Dor de cabeça, febre.	Chás, torrada
Jatobá	Casca, vinho, fruto e resina.	Expectorante, bronquite, vermes e dor estômago.	Decotação, chá e vinhos, sorvete.
Lobeira	Folha, Fruto	Coqueluche, pulmão, bronquite, tuberculose, diabete, pressão alta, cicatrizante.	Chás e sumos.
Mangaba	Casca, leite	Câncer	Chá, tomar leite.
Mangaba	Folhas	Bronquite, pulmões e infecções do útero.	Chá Xarope
Matruz	Planta inteira	Cicatrizante, bom para os ossos.	Sumos
Mentrasto	Folhas, raiz	Cólica	Chá
Murici	Cascas	Anti-inflamatório	Fruto, garrafadas
Pacari	Folhas, cascas	Dor estomago, cicatrizante.	Sumo Chás
Pequi	Cascas, folhas	Fígado	Chás
Quebra pedra	A planta inteira	Dissolver pedra nos rins, cólicas renais, próstata.	Chás
Quina	Raiz, folhas	Anti-inflamatório	Garrafada
Sucupira	Sementes, folhas, cascas.	Garganta, intestino	Gargareja chás.
Tançagem	Folha, raiz	Infecção	Chá
Velame branco	Casca, raiz	Depurativo sangue	Chás, Garrafadas
Vergateza	Raiz	Circulação	Garrafada

Fonte: Aneli Silva (2013), elaboração própria.

Dona Laurência Fernandes de Castro nasceu no Vão das Almas, também comunidade quilombola da Chapada dos Veadeiros, e depois de certo tempo veio morar na comunidade Ribeirão dos Bois. Nasceu em 10/08/1935, é umas das raizeiras e parteiras da comunidade. Nunca teve oportunidade de estudar em toda sua vida; tem sete filhos, trabalhou a vida toda na roça para subsistência. Dona Laurência é uma das grandes conhecedoras das plantas

medicinais do Cerrado de Ribeirão dos Bois. *“Conheço as plantas desde criança, minha vida toda usei remédio só do mato, quando eu tive meus filhos, eu não usei remédios de hospital, eu mesma fazia minhas garrafadas”*.

Esse dom de fazer remédio ela diz ter recebido das pessoas mais velhas, transmitidas pelos pais, avó. Dona Laurência sempre tem segurança dos remédios que ela faz, *“se o remédio não desse resultado, mal também não iria causar”*.

As garrafadas de Dona Laurência é um remédio muito rico, e também muito conhecido e utilizado, não somente entre os tradicionais, mas por toda comunidade e pessoas das cidades vizinhas que sempre estão à procura delas.

A garrafada de Dona Laurência é mistura de várias plantas medicinais do Cerrado, para que essa garrafada seja ingerida não precisa ter nenhum tipo de doença. Ela serve como depurativo do sangue, resfriado, limpa o útero depois da gestação e outros.

Na fabricação das garrafadas são usadas as seguintes plantas, segundo Dona Laurência: pacari, cassação, mama de porca, simbaíba, ipê roxo, unha lagartixa, barbatimão, cargo Santo, nós moscada, piscuri, água de ubauba, velame branco, quebra pedra e outras. Algumas dessas plantas se usam a casca, raiz, e folhas.

Na hora de fazer as garrafadas, Dona Laurência observa que nem todos sabem preparar porque elas dependem de todo um processo até ficar pronta para o consumo.

Aqui na comunidade pouca gente sabe fazer essa garrafada, porque tem ir ao mato pegar as plantas colocar para secar, amassar as raízes, a folha seca; essa garrafada ela para ficar boa leva três dias para fazer. Porque eu gosto de colocar ela para secar na sombra, porque se seca no sol muito quente pede um pouco das propriedades.

Dona Laurência é uma pessoa que tem profundo conhecimento do Cerrado e sempre está a disposição para multiplicar esses saberes e fazeres aos interessados.

Algumas plantas e remédios utilizados por Dona Laurência com mais frequência, podem ser cultivadas nos quintais e hortas. Os saberes e fazeres tradicionais de Dona Laurência, também estão presentes no seu conhecimento sobre parto. Ela além de ser raizeira, também parteira, e benzedeira. Já fez vários partos na comunidade, porque alguns anos atrás a maioria das pessoas ganhava seus filhos na localidade. *“Hoje as coisas estão boas, essa geração de hoje só quer ganhar menino nos hospitais; menino hoje ainda está na barriga, faz a ultrassom, já sabe o que é o menino. No meu tempo, muitos nem sabiam o que era médico e hospital, ganhava tudo na roça”*.

Dona Laurência é uma “verdadeira médica” na comunidade. Algumas pessoas quando querem engravidar procuram ela para indicar os seus remédios caseiros das plantas medicinais, banhos pós e pré-parto e as garrafadas depois do parto. Na hora do parto, Dona Laurência usa os banhos com as plantas: negra mina, manjeriço, alfavaca, arroerinha e quina, que serve para tirar friagem do corpo e induzir o parto.

No pós-parto, Dona Laurência orienta banhos de assento com as plantas: negra mina, barbatimão, carrapicho, mentrasa, manjeriço, alfavaca, arroerinha, quina açafate, alcanfor pedra una, que serve para cicatrizante e infecção.

Depois do parto, após três dias, Dona Laurência recomenda a sua famosa garrafada, que serve para infecção urinária, limpeza no útero e cólica. O período do resguardo é respeitado por Dona Laurência que observa “*as mulheres devem repousar usando seu medicamento*”, como garrafadas devem ser tomadas meia xícara do remédio duas vezes ao dia, durante 15 dias.

A sabedoria acumulada nesse campo de conhecimento levou Dona Laurência a transmitir seu conhecimento para várias pessoas da comunidade Ribeirão dos Bois. Ela é uma das grandes referências na comunidade, respeitada pelo seu conhecimento, ela tem o dom de transformar plantas em remédios e traduz a riqueza da biodiversidade do Cerrado nos seus saberes e fazeres.

Abaixo, segue listas de garrafadas e banhos pós e pré-parto receitado por Dona Laurência.

Tabela 2: Algumas receitas de banhos pré, pós-parto e garrafadas.

Indicação	Ingredientes	Modo de Fazer	Modo de Usar	Validade
Pré-parto: Tirar friagem do corpo e induzir o parto.	Negra mina, manjeriço, alfavaca, arroerinha e quina.	Pegar as ervas, colocar tudo dentro de uma panela com água, levar ao fogo, deixar cozinhar as ervas até criar cor, depois deixar amornar e está pronta para tomar o banho.	Tomar o banho com o remédio cozinhado	Tempo imediato
Pós-parto: Cicatrizante e infecção.	Negramina, barbatimão, carrapicho, mentrasa, manjeriço, alfavaca, arroerinha e quina, assafete, alcanfor, pedra una.	Pegar as ervas, colocar tudo dentro de uma panela com água, levar ao fogo deixar cozinhar as ervas até criar cor, depois deixar amornar, depois adicionar o assafete, alcanfor e pedra uma no remédio, depois de 5 minutos estão	Tomar o banho com o remédio cozinhado	Tempo imediato.

		prontos para tomar banho.		
Garrafadas: Infecção urinaria limpeza no útero, cólica.	Pacari, Cassação, Mama de porca, Simbaíba, Ipê Roxo, Unha Lagartixa, Barbatimão, Cargo Santo, Nós moscada, Piscuri, Água de Ubauba e Vinho branco	Pegar as ervas, colocar tudo dentro do vinho branco, deixar as ervas curtir dentro do vinho durante dois dias. Modo de usar: Tomar meia xícara do remédio duas vezes ao dia, durante 15 dias, depois de 15 dias suspenda o medicamento, e só começa tomar depois de um mês.	Tomar meia xícara do remédio duas vezes ao dia, durante 15 dias, depois de 15 dias suspenda o medicamento, e só começa tomar depois de um mês.	Seis meses

FONTE: Aneli Silva (2013), elaboração própria.

Sr. Alexandro Edetrudes, nasceu em 13/05/1929, é uns dos conhecedores das plantas medicinais do Cerrado em Ribeirão dos Bois. Nasceu no Vão das Almas, e depois de certo tempo veio morar na comunidade. Nunca teve oportunidade de estudar em toda sua vida, teve quatro filhos, trabalhou a vida toda na roça para a subsistência.

A sabedoria acumulada nesse campo de conhecimento por Alexandro levou muitas vezes a transmitir seu conhecimento, para a comunidade e visitantes. Em todas as oportunidades ele transmitiu seus saberes e fazeres. *“Desde eu sou gente, pode contar às vezes que eu fui ao médico; meu médico sou eu mesmo. Quando eu sinto alguma coisa vou ao mato e pego as plantas e faço os remédios, remédios de farmácia para mim e último caso; de vez em quando eu vou ao hospital só medir pressão”*.

O conhecimento popular vai se concretizando e se aperfeiçoando cada vez mais de geração a geração. Muitas plantas ficam sendo conhecidas por nomes diferentes, e varia de região para região. As pessoas criavam suas estratégias de curas por meio de uma ciência cultural e natural e isso independentemente de religiões (OLIVEIRA, 1985 *apud*, JESUS p. 31).

Para Sr. Alexandro, o uso dos remédios do maro era alternativa única para tratar das doenças naquela época. As pessoas não tinham escolhas, aprendiam fazendo experiências usando esses remédios. As formas de preparar e usar os remédios caseiros, com passar dos tempos foi se aprimorando cada vez mais de geração a geração.

A transmissão do conhecimento sempre é trazido por Sr. Alexandro como preocupação. Ele observa na vivência da comunidade Ribeirão dos bois que poucas pessoas

ainda têm o hábito de fazer o uso dessas plantas medicinais, principalmente a juventude está “lançando mão fora” dessa sabedoria popular.

De acordo com a maioria dos entrevistados na comunidade, tanto jovens quanto os mais velhos, quando questionado a respeito do uso de remédio caseiro pelas novas gerações em Ribeirão dos Bois, responderam que nem sempre e depende da doença; se for uma coisa mais simples usam, mas se for algo mais grave, procuram médicos para consultar e receitar o medicamento. Muitas pessoas perderam a fé nas plantas medicinais do Cerrado e preferem os remédios prontos. O conhecimento popular, infelizmente, está se perdendo e caindo no esquecimento, entre os mais jovens.

3.2. Receitas de remédios caseiros utilizados na comunidade Ribeirão dos Bois

A partir das entrevistas com moradores de Ribeirão dos Bois, como Dona Delfina, Dona Laurência e Sr. Alexandro foram possíveis identificar outras receitas de remédios, cuja base de produção são plantas do Cerrado encontrado na região: xaropes, chás, infusões e outras receitas foram descritas a partir dos saberes e fazeres da comunidade.

TABELA 3: Receita de xarope

Indicação	Tosse seca, gripe, pneumonia, bronquite e asma.
Ingredientes	Ervas medicinais: quina, caraíba, semente de sucupira, andu, assapeixe, algodão, gengibre, carrapicho, grapear e chapada. Acrescentar um pouco de mel de abelha.
Modo de fazer	Colocar todos os ingredientes juntos e um pouco de água em uma panela e levar ao fogo, deixar ferver até virar melado.
Modo de usar	Em média usa-se três colheres de sopa do xarope por dia: manhã, tarde e noite. Usar durante quinze dias.
Validade	Um ano.

FONTE: Aneli Silva (2013), elaboração própria.

TABELA 4: Receita de chás de pau terra e pequi.

Indicação	Indigestão, diarreia e vermes.
Ingredientes	Pau Terra e pequi
Modo de fazer	Pegar broto da folha do pau terra e do pequi. Rasgar e colocar em um copo. Colocar a água para ferver, em seguida despejar a água sobre brotos. Tampar e deixar esfriar.
Modo de usar	Tomar um cálice três vezes ao dia.
validade	Doze horas.

FONTE: Aneli Silva (2013), elaboração própria.

TABELA 5: Receita de inalação para dores de cabeça e constipação.

Indicação	Dor de cabeça, resfriado na cabeça e constipação.
Ingredientes	Folhas de matruz, eucalipto, palha de alho, semente de imburana e fumo.
Modo de fazer	Colocar todos os ingredientes em um recipiente, com brasa e deixar sair a fumaça.
Modo de usar	Cobrir a cabeça com um pano, e inalar a fumaça conforme a capacidade de cada um.
Validade	No momento

FONTE: Aneli Silva (2013), elaboração própria.

TABELA 6: Receita de xarope para tosse, dor no corpo e gripe

Indicação	Dor no corpo, tosse e gripe.
Ingredientes	Grapia, hortelã, quina, alfavaca, folha santa, sete dor e mel de abelha.
Modo de fazer	Pegar as ervas, colocar em uma panela junto com o mel e abafar; levar ao fogo em chama baixa por 5 minutos, depois desligar o fogo e deixar esfriar. Uma camada de quina, uma camada de mel de abelhas, grapiá.
Modo de usar	Criança uma colher pequena de chás,

	e adulto uma colher de sopa grande, tomar três vezes ao dia.
Validade	Seis meses

FONTE: Aneli Silva (2013), elaboração própria.

3.3. Esquecimento dos usos das plantas medicinais por jovens de Ribeirão dos Bois

A pesquisa revelou que o fato que está levando a perda do saberes e fazeres das ervas medicinais do cerrado na comunidade é o grande fluxo de saída dos jovens da comunidade, devido à dificuldade de acesso e de condições para sobreviver no local, como falta de saúde e educação. Alguns jovens vão embora para as capitais em busca de melhorias de vida e os que permanecem na comunidade não dão continuidade na tradição. Os já se veem cansados, não podendo mais plantar, trabalhar no roçado.

A maioria das pessoas está realmente interessada em adquirir o conhecimento, devido a muitos problemas que trazem, por falta de educação. Todo cidadão tem direito de uma educação com qualidade, mas nós não temos, nós somos obrigados a sair da comunidade em busca de condições de vida e acaba deixando de aprender os conhecimentos que vem dos nossos ancestrais.

O fato da comunidade está perdendo suas tradições e viver em condições à margem da sociedade, levam a crer que a ausência de direitos entre os jovens, como educação e saúde, contribui significativamente para a perda do saber tradicional em Ribeirão dos Bois. Segundo Saraiva (2011) hoje, há um forte temor de que os conhecimentos tradicionais sejam esquecidos. Mudanças recentes de costume vêm sendo muitas vezes acompanhadas de desvalorização das práticas tradicionais que se associam à saída dos jovens do campo.

A falta de condições para sobreviver na sua comunidade é um problema grave em Ribeirão dos Bois. Por isso, o governo, órgãos públicos e instituições poderiam contribuir para mudar esse quadro, e incentivar políticas para educação do campo e saúde voltadas para as comunidades Kalunga, valorizando os saberes e fazeres tradicionais. Segundo Molina (2010), os camponeses e camponesas podem alcançar patamares maiores de autonomia em sua prática produtiva, podendo converter-se realmente em sujeitos, sendo garantida a intimidade com os processos naturais, socioeconômicos e culturais, seu trabalho tem potencial para ser criativo, com constantes descobertas.

A transmissão do conhecimento tradicional depende do convívio entre gerações, e da observação ativa das práticas dos conhecedores, porque foi através dessas observações que os

conhecedores do Cerrado aprenderam seus saberes e fazeres. Para a comunidade não perder sua tradição e conhecimento das plantas medicinais, ainda é necessário lutar para garantir direitos e valorização social.

A juventude rural em Ribeirão dos Bois tem um desafio colocado em suas mãos. O diagnóstico das condições sociais e da fragmentação do conhecimento tradicional está colocado e a pesquisa permitiu que isso fosse revelado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da cultura e conhecimento local se dá pelo reconhecimento da sua história. Cada lugar tem suas próprias características, baseado no modo de vida de sua comunidade, e isso que torna seus costumes uns diferentes dos outros. A cultura de um povo está relacionada em todo seu contexto e história de vida, como seus costumes, religião, saberes e fazeres e crenças. Tudo isso revela sua identidade que é formada ao longo do tempo.

Valorizar preservar sua cultura e permitir as gerações atuais e futuras de conhecer e utilizar os bens de sua identidade. Na comunidade Ribeirão dos Bois os saberes e fazeres das plantas medicinais do Cerrado ainda está bastante presente na vida de alguns moradores, tudo isso ajuda na formação de sua identidade. Os costumes dos moradores tem uma imensa relação com sua tradição.

Esses saberes e fazeres tradicionais são de grande importância, pois representam parte da história da comunidade. Mas, esse conhecimento está sendo alvo do esquecimento. É preciso evitar essa perda para manter a relação com a manutenção da vida desses sujeitos do campo.

Pretendemos futuramente ampliar nosso conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais do Cerrado, esperamos que esse material chegue às escolas do campo, principalmente as escolas quilombolas da Chapada dos Veadeiros. Diante da rica biodiversidade do Cerrado, que existe nas comunidades da Chapada, os docentes podem utilizar esse material de pesquisa em suas aulas, para que os jovens conheçam um pouco mais da realidade da região, aproximando escola e comunidade para preservar o conhecimento cultural e natural.

Esperamos que este trabalho venha contribuir com a história da comunidade Ribeirão dos Bois, e sirva para conscientizar os jovens daquela comunidade sobre seu papel de construtores da sua própria história, ou seja, protagonistas do conhecimento popular, herdados dos nossos ancestrais e que eles mesmos venham dar continuidade nesse saberes e fazeres das plantas medicinais do Cerrado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Organização espacial e ocupação territorial no Kalunga: a moradia como efetivada**. Brasília – DF: UnB, 2004.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Trocas de Saberes no Cerrado: Valorização dos Quintais, segurança alimentar e cidadania nas comunidades Kalunga em Teresina de Goiás**. Goiânia: IESA/FUNAPE/UFG, 2012.

ANJOS, Rafael Sânzio Araújo (pesq.); CIPRIANO, André (fot.). **Quilombolas. Tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org) **KALUNGA: histórias e adivinhações**. Goiânia GO: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

CRESWELL. John ,W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DOURADO, Martha Fellows. **Política pública e construção participativa: análise da política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais**. Planaltina DF: UnB, 2012. (Monografia)

MOURA, Glória (coord). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília DF: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2007.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. et al. **Saberes e fazeres tradicionais do cerrado: sabão de Tingui (*Margonia Pubescens*)**. Brasília: DF: Decanato de Extensão/ UnB, 2012.

SARAIVA, Regina Coelly F.; RODRIGUES, Livia Penna Firme; NOGUEIRA, Mônica Celeida R. **Saberes e fazeres tradicionais sobre o cerrado: a experiência de Dona Flor**. Brasília: Universidade de Brasília, Decanato de Extensão: 2011.

DELGADO, Luciliade Almeida Neves. **História oral memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JESUS, Luzilene Barbosa. **O léxico das plantas medicinais na comunidade Itaúna: Uma abordagem da variedade popular**. Trabalho de conclusão de curso Brasília: Universidade Brasília, 2013

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI. Maria de Andrade. **Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP) Camará Brasileira do livro**. 4 ed. São Paulo:Altas, 2005.

SAMPAIO, Antonio Alencar. ROCHA, Evandra. **Cordel de plantas medicinais do cerrado**. Goiania: Kelps, 2012.

ANEXO 2
Roteiro de entrevistas realizadas com a comunidade
de Ribeirão dos Bois

Data da entrevista.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado(a):

- A) Qual seu nome completo?
- B) Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade?
- C) Quantos anos têm?
- D) Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano)
- E) Qual seu estado civil?
- F) Quantos filhos têm? Onde nasceram?
- G) O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução?
- H) Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida?

2. Quais são as plantas medicinais do cerrado que o(a) senhor(a) conhece?

3. Como esse conhecimento sobre os usos das plantas foi adquirido?

4. Quais plantas medicinais do cerrado são mais utilizadas? Para quê? Quais são os usos mais frequentes?

5. Como são manejadas essas plantas? Onde devem ser plantadas? Como devem ser colhidas?

6. Qual parte da planta deve ser utilizada? Quais são os usos?

7. Qual a importância desses saberes e fazeres para comunidade Ribeirão dos Bois?

8. Qual a diferença entre as ervas medicinais do cerrado dos medicamentos da farmácia?

9. Você acha que atualmente o uso dessas ervas medicinais diminuiu? Por quê?

10. O que está levando a perda desses saberes das ervas medicinais na comunidade Ribeirão dos Bois?

11. Você acha que essa nova geração tem hábito de usar remédio caseiro para curar doenças de suas famílias?

ANEXO 3



Fedegoso, em quintal em Ribeirão dos Bois.

Foto: Aneli Silva, 2013.



Assa Peixe, no Cerrado em Ribeirão dos Bois.

Foto: Aneli Silva, 2013.



Pé Barbatimão em Ribeirão dos Bois.

Foto: Aneli Silva, 2013.



Árvore de Copaiba em Ribeirão dos Bois. Foto: Aneli Silva, 2013.



Pé de quebra pedra encontrado no Cerrado em Ribeirão dos Bois. Foto: Aneli Silva, 2013.



Pé de tançagem em Ribeirão dos Bois. Foto: Aneli Silva, 2013.



Grapiá encontrado em Ribeirão dos Bois. Foto: Aneli Silva, 2013.



Pé de sucupira em Ribeirão dos Bois. Foto: Aneli Silva, 2013.